



RAÇA, FEMINISMO E NACIONALISMO EM *HALF OF A YELLOW SUN*¹

RACE, FEMINISM AND NATIONALISM IN
HALF OF A YELLOW SUN

Andréa Moraes da Costa²
Universidade Federal de Rondônia

Resumo: No século XXI, produções literárias africanas têm se configurado comumente como fontes significativas para auxiliar a compreensão de causas e consequências de eventos históricos. Dentre elas, destaca-se o romance *Half of a Yellow Sun* (2006a), de Chimamanda Ngozi Adichie. Nessa obra, Adichie aborda problemáticas vividas por seus personagens durante o período da Guerra de Biafra, na Nigéria. Este artigo objetiva ilustrar alguns dos entrelaçamentos literários arquitetados por Adichie que suscitam questões de raça, feminismo e nacionalismo. Assim, as discussões levantadas aqui são amparadas nos Estudos Pós-coloniais a partir de pressupostos de Thomas Bonnici (2000), dentre outros. Como uma de suas conclusões, o artigo sublinha a importância do caráter interventivo da escrita pós-colonial, ao propiciar, por exemplo, reflexões acerca de eventos negativos do passado, para que não se reprimem.

Palavras-Chave: Estudos Pós-coloniais; Feminismo; *Half of a Yellow Sun*; Nacionalismo; Raça.

¹ A autoria das traduções, informadas neste texto, é conferida à autora deste artigo.

² Endereço eletrônico: andrea@unir.br.

Abstract: *In the 21st century, African literary productions have often been configured as significant sources to help understand the causes and consequences of historical events. The novel Half of a Yellow Sun (2006a), by Chimamanda Ngozi Adichie, stands out among them. In this work, Adichie addresses issues experienced by his characters during the Biafra War period, in Nigeria. This article aims to illustrate some of the literary intertwines designed by Adichie that raise issues of race, feminism and nationalism. Thus, the discussions raised here are supported by Post-colonial Studies based on the assumptions of Thomas Bonnici (2000), among others. As one of its conclusions, the article stresses the importance of the interventional character of post-colonial writing, by providing, for example, reflections on negative events in the past, so that they do not repeat themselves.*

Keywords: *Feminism; Half of a Yellow Sun; Nationalism; Post-colonial Studies; Race.*

INTRODUÇÃO

No século XXI, produções literárias africanas têm se configurado comumente como fontes significativas para auxiliar a compreensão de causas e consequências de eventos históricos. São produções que revelam marcas que o processo colonial deixou de herança para as culturas colonizadas na África. Com isso, autores representantes da linha literária pós-colonial focalizam conflitos políticos centralizados no poder, mazelas decorrentes de desencontros entre a tradição dos povos africanos e imposições culturais do colonizador europeu, para citar alguns.

No que tange à nomenclatura pós-colonial associada à literatura, é interessante lembrarmos que, na introdução de *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literature*³ (1991, p. 2), Ashcroft, Griffiths e Tiffin esclarecem que o termo “pós-colonial” é empregado “para cobrir todas as culturas afetadas pelo processo imperial desde o momento da colonização até os dias atuais”⁴. E, dentro dessa esfera, os referidos teóricos incluem literaturas

³ *O Império escreve por detrás: teoria e prática na literatura pós-colonial* (ASHCROFT, GRIFFITHS, TIFFIN, 1991).

⁴ “We use the term ‘post-colonial’, [...] to cover all the culture affected by the imperial process from the moment of colonization to the present day” (ASHCROFT, GRIFFITHS, TIFFIN, 1991, p. 2).

produzidas na Austrália, Bangladesh, Canadá, países do Caribe, Índia, Malásia, Malta, Nova Zelândia e África, dentre outras.

O queniano Albert Chinualumogu Achebe – mais conhecido como Chinua Achebe –, o moçambicano Mia Couto, o sul-africano J. M. Coetzee e a nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie são alguns dos mais destacados exemplos dessa expressão literária na África. A partir desses nomes, a literatura africana tem fornecido conteúdos, aos leitores, que possibilitam, sobretudo, conhecer uma cultura com base em visões críticas no que se refere à realidade de dominação cultural de um povo. A exemplo disso, destaca-se aqui o romance *Half of a Yellow Sun*⁵ (2006a), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie.

A obra em tela tem como ponto inicial a década de 1960, período anterior à Guerra de Biafra (1967-1970), na Nigéria. Essa guerra, também denominada

⁵ A obra foi lançada, no Brasil, em 2008, com tradução de Beth Vieira, sob o título *Meio sol amarelo*. Na sequência, pôde-se perceber um fluxo crescente de pesquisas tendo por objeto a obra e sua respectiva tradução, a exemplo de: *Gênero e nação na ficção de Chimamanda Ngozi Adichie* (2013), dissertação de mestrado de Roberta Mara Resende, que objetivou discutir questões de gênero e nação tendo como objeto de estudo *Half of Yellow Sun; Half of Yellow Sun: a experiência dos cronotopos no contexto da guerra de Biafra* (2014), dissertação de João Felipe Assis de Freitas, que analisou a construção dos cronotopos “com base nas personagens Ugwu, Olanna e Richard, bem como em seus respectivos núcleos de participação” (FREITAS, 2014, p. viii); *A Interculturalidade em Half of a Yellow Sun, de Chimamanda Ngozi Adichie: uma análise comparativa das traduções portuguesa e brasileira* (2016), pesquisa de mestrado, de Fabrício Henrique Meneguelli Cassilhas. Seu propósito foi cotejar duas traduções de *Half of a Yellow Sun*, uma brasileira e outra portuguesa, verificando as soluções encontradas pelas tradutoras no que se refere aos “diferentes registros da língua inglesa, como o inglês não padrão e o inglês crioulo” (CASILHAS, 2016, p. 11) que compõem a obra em língua inglesa; *Meio Sol amarelo e a crítica ao pensamento eurocêntrico sobre a África: Biafra e a resistência IGBO* (2017), estudo de mestrado, de Flávia Kellyane Medeiros da Silva Santos, que explora o modo como esse romance “tece críticas severas ao parecer eurocêntrico e difamatório sobre a África e os seus costumes” (SANTOS, 2017, p. 8); *As mulheres de Chimamanda: representações de raça, etnia e gênero* (2018), investigação de Luana Caetano Thibes, que apresenta uma análise de três romances de Adichie, *Hibisco roxo* (2011), *Meio sol amarelo* (2008) e *Americanah* (2014), em que pretendeu “observar possíveis graus de discriminação e hostilidade que as protagonistas dos romances selecionados sofrem em relação à raça, à etnia e ao gênero, nos contextos nigeriano e estadunidense” (THIBES, 2018, p. 9); *As Mulheres em Meio Sol Amarelo de Chimamanda Adichie: Descolonizando Discursos* (2018), dissertação de mestrado de Aline de Souza Monteiro, cujo objetivo foi analisar “as diversas evidências de subjugação da mulher dentro do romance *Meio Sol Amarelo*” (MONTEIRO, 2018, p. 8); dentre outras. Essas pesquisas ilustram parcialmente os estudos que têm surgido no meio acadêmico a partir da obra foco deste artigo. Ademais, vale salientar que há, ainda, nos meios midiáticos, como *blogs* e vídeos no *YouTube*, por exemplo, uma série de referências tanto acerca de Adichie quanto da obra em questão.

como Guerra Civil Nigeriana, ocorreu entre 1967 e 1970, envolvendo a Nigéria e a república separatista de Biafra. País composto por mais de duzentas e cinquenta etnias, a Nigéria esteve sob o domínio dos britânicos até 1960. Após seu processo de independência, esse país africano passou a ser noticiado mundialmente, devido a uma série de embates violentos provocados por duas de suas principais etnias: os ibos, que habitavam o Sudoeste, e os haussas, habitantes do Noroeste.

Conforme Al J. Venter (2015, p. 20), o desentendimento entre esses povos aconteceu porque alguns oficiais do exército ibo, que criticavam a corrupção surgida após a independência, e outros com ideais socialistas, juntamente com alguns oficiais da etnia Yorubás “assassinaram várias figuras políticas do Norte e do Oeste, incluindo Sir Ahmadu Bello, o primeiro-ministro da Akintola ocidental, o Premier da região oeste e dois ministros federais [...]”. Assim, de caráter secessionista, esse conflito interno perdurou até 1970, com a reincorporação de Biafra à Nigéria. Segundo John Hawley (2008, p. 16), esse evento histórico contabilizou, ao seu final, mais de dois milhões de mortes decorrentes de doenças e fome.

Com esse painel ao fundo, *Half of a Yellow Sun* é constituído por pontos que se identificam com a história dos familiares da própria autora, pois, como nigerianos, testemunharam diretamente esse conflito civil. Deste modo, Adichie aborda histórias que estão presentes na memória de seu povo, a partir da visão de três personagens: Ugwu, Olanna e Richard.

Ugwu é um rapaz do interior que, no princípio do romance, é levado por sua tia para trabalhar como *houseboy* para Odenigbo, um professor de matemática com ideias revolucionárias, mas que apresenta seu lado compassivo figurado na paixão pela bela Olanna, professora de Ciências Sociais. Olanna é irmã gêmea de Kainene. As gêmeas são filhas de um bem-sucedido negociante de cimento e petróleo, que almeja as altas rodas da sociedade para suas filhas.

Richard é um acadêmico inglês cultivador de ideais, que tem como ambição escrever um livro sobre a Nigéria. Richard namora Kainene, por sua vez, uma mulher fria e sem escrúpulos no mundo dos negócios.

Composta principalmente por esses personagens, *Half of a Yellow Sun* é narrada sob um ângulo humano, em que as pessoas desse universo ficcional são expostas a sentimentos como paixão, medo e horror. Concomitantemente a isto, elas são assombradas pelos acontecimentos que emergem de um momento específico de sua história, a Guerra de Biafra. Neste contexto, Adichie nos coloca à frente de representações de vidas que experienciaram os mais diversos dissabores provocados por esse período. São experiências que permanecem vivas na memória de quem as viveu. E no caso da geração de Adichie, obtiveram-nas a partir das memórias de familiares.

Por certo que, empregando as palavras de Mia Couto (2019), “a literatura não pode atenuar o peso que as vítimas têm. O sangue que essa gente [africanos] derramou não pode ser lavado por meio da literatura”. No entanto, trazer esses conflitos à tona pode se mostrar como recurso profícuo para, por exemplo, acender questões de ordem política e cultural, assim como sobre seus reflexos para os povos envolvidos; e também para que possamos, como observaria Foucault (1995, p. 239), “imaginar e construir o que poderíamos ser”, e não correremos mais o risco de repetir os erros do passado.

Ademais, jogar luz a tais questões é um compromisso social que devemos exercer dentro e fora do contexto acadêmico, pois envolve a tentativa de melhoria das relações humanas. Diante disso, a discussão que se segue é norteadada pelo propósito de ilustrar alguns dos entrelaçamentos literários arquitetados por Adichie em *Half of a Yellow Sun*, os quais suscitam questões de raça, feminismo e nacionalismo. Para tanto, os Estudos Pós-Coloniais, a partir, sobretudo, de pressupostos de Thomas Bonnici (2000), orientam as reflexões a seguir apresentadas.

1 DISCUSSÕES POSSÍVEIS EM *HALF OF A YELLOW SUN*: RAÇA, FEMINISMO E NACIONALISMO

As memórias acerca de uma época de intervenção de grandes potências e grupos estrangeiros na Nigéria, relatadas em *Half of a Yellow Sun*, possibilitam reflexões, no mínimo, sobre questões que contornam raça, feminismo e nacionalismo. A primeira, raça, é perceptível quando a autora nos expõe, por exemplo, uma Nigéria composta por divisões étnicas e nos fornece cenas detalhadas dos horrores vividos pelos ibos e haussas. E vale mencionar que tais condições se apresentam, por vezes, sobrepostas a aspectos de características colonizadoras, evidenciados, por exemplo, pela presença do estrangeiro europeu – destacado, por vezes, como superior – no espaço africano.

Para ilustrar a abordagem de Adichie a essa questão de sobreposição, na obra analisada, chamo atenção, dentre várias passagens, para aquela em que Kainene informa a Richard – jornalista inglês – que Madu gostaria que ele escrevesse para o Diretório de Propaganda. Porém, o jornalista logo percebe que isso só ocorrera porque Madu o enxergava como um estrangeiro e, talvez, por isso, imaginasse que fosse o melhor candidato a ocupar o cargo. Então, quando Madu ligou para ouvir sua resposta, transcorre o seguinte diálogo:

‘Já pensou a esse respeito?’

‘Você não teria me oferecido se eu não fosse branco.’

‘Claro que ofereci porque você é branco. Eles levarão mais a sério o que você escrever por ser um branco. Escute, a verdade é que esta não é a sua guerra. Esta não é a sua causa. Seu governo tira você daqui assim que solicitar. De modo que não basta carregar galhos murchos e gritar *poder*, *poder* para mostrar apoio à Biafra [...]’⁶. (ADICHIE, 2006a, p. 382-383)

⁶ ‘Have you thought about it?’ Madu asked.

‘You would not have asked me if I were not white.’

‘Of course I asked because you are white. They will take what you write more seriously because you are white. Look, the truth is that this is not war. This is not your cause. Your government will evacuate you a minute if you ask them to. So it is not enough to carry limp branches and shout power, power to show that you support Biafra [...]’ (ADICHIE, 2006a, p. 382-383).

A confiabilidade em um homem atribuída à sua cor, pelo fato de ser branco, colocando-a acima de seu caráter, de sua honestidade ou de seu comprometimento com a causa do povo, constitui uma característica colonizada. Render-se à ideia de que as pessoas “levarão mais a sério o que você escrever por ser um branco” pode ser mais um passo para o fomento e disseminação de ideias e práticas colonizadoras. Contudo, o que Adichie permite com essa e outras passagens desse teor é que nos atentemos aos problemas raciais que emergem dos confrontos culturais. A autora, ciente dessas problemáticas, frutos de processos de colonização, ao incluí-las em sua narrativa, o faz de maneira crítica.

Vejam os outros exemplos que evocam a questão racial na obra de Adichie:

‘Lá vem você de novo, Odenigbo’, disse a srta. Adebayo. ‘Está dizendo que, se os brancos não tivessem dizimado os hererós, o Holocausto judeu não teria acontecido? Eu não percebo ligação alguma entre os dois!’

‘Você não vê’, perguntou Odenigbo. ‘Pois eles começaram os estudos sobre raças com os hererós e terminaram com os judeus. Claro que há uma ligação!’⁷ (ADICHIE, 2006a, p. 63)

Embates dialógicos como esses são frequentes na obra, conferindo aos personagens, escolhidos por Adichie, cunho crítico e reflexivo. Nesse panorama, como observa Albert Memmi (1977, p. 3), não devemos nos iludir “com a imagem convencional e tradicional do colonialismo”. O colonialismo ultrapassa as relações de apropriações territoriais, porque, segundo Memmi (1977, p. 3), consiste “[...] na dominação e na exploração de grupos humanos, de classes sociais, ou de povos uns pelos outros, o colonialismo não só perdura [...], mas permanece também, na forma de segregação racial”.

⁷ ‘You’ve come again, Odenigbo,’ Miss Adebayo said. ‘You’re saying that if White people had not murdered the Herero, the Jewish Holocaust would not have happened? I don’t see a connection at all!’

‘Don’t you see?’ Odenigbo asked. ‘They started their race studies with the Herero and concluded with Jews. Of course there’s a connection!’ (ADICHIE, 2006a, p. 63).

Mas não podemos esquecer que isso é uma ocorrência que está presente em diversos locais do globo, estendendo-se para além do continente africano. Não precisamos olhar para longe para fazermos esta constatação. Se olharmos para nosso próprio país, o Brasil, por exemplo, perceberemos a segregação racial interna. A formação de periferias nas grandes metrópoles fornece indícios a isto, solidificando cada vez mais o sistema que divide a sociedade em classes sociais. No contexto africano, captado pelas palavras de Ngozi, percebemos que esse cenário se agiganta, devido a desordens açuladas por conflitos internos.

Nesse sentido, Adichie (2006b) claramente se manifesta: "Eu não queria apenas escrever sobre eventos [...] Eu queria colocar um rosto humano neles. E eu também queria explorar a classe de fora e de dentro e como a guerra muda tudo isso"⁸. Assim, temáticas pós-coloniais surgem, ao longo do romance, enraizadas ao próprio contexto da Nigéria e da guerra. A materialização de tais temáticas é reforçada, por exemplo, a partir de discursos presentes na obra, nos quais é evidenciada a presença e exploração europeia, no âmbito da cultura nigeriana, como podemos conferir a seguir:

'Nós devíamos dar uma grande resposta pan-africana ao que está acontecendo no Sul dos Estados Unidos...', disse o professor Ezeka. O Patrão interrompeu-o na hora. 'Você bem sabe que o pan-africanismo é fundamentalmente um conceito europeu.'

'Você está divagando', retrucou o professor Ezeka, balançando a cabeça com o modo superior de sempre.

'Talvez seja uma noção europeia', disse a srta. Adebayo, 'mas de um panorama global, somos todos uma única raça.'

'Que panorama global?', perguntou o Patrão. 'O panorama global do homem branco! Será que você não percebe que nós não somos todos iguais, exceto na visão de quem é branco?' [...]

Ugwu [...] se imaginava falando em inglês fluente, conversando com convidados imaginários, todos fascinados, usando palavras como *descolonização* e *pan-africanismo*, moldando sua voz depois do Patrão [...].

⁸ "I didn't want to just write about events [...] I wanted to put a human face on them. And I also wanted to explore class the outsider and the insider and how war changes all that" (ADICHIE, 2006b).

‘É claro que nós somos todos iguais, todos temos a opressão branca em comum’, disse srta. Adebayo, secamente. ‘O pan-africanismo é simplesmente a resposta sensata.’

‘É claro, é claro, mas o que eu digo é que a única identidade autêntica para um africano é sua tribo’, disse Patrão. ‘Eu sou nigeriano porque um branco criou a Nigéria e me deu essa identidade. Sou negro porque o branco fez o *negro* ser o mais diferente possível do *branco*. Mas eu era ibo antes que o branco aparecesse’⁹. (ADICHIE, 2006a, p. 24-25)

Destacadamente, a passagem em que Ugwu procura imitar o colonizador – “se imaginava falando em inglês fluente” –, sugere a admiração do colonizado pelo seu colonizador. Essa intenção de Ugwu ratifica as palavras de Memmi, ao abordar esta questão que envolve apreço unilateral entre as partes. Para Memmi (1977, p. 8), “convencido da superioridade do colonizador e por ele fascinado, o colonizado, além de submeter-se, faz do colonizador seu modelo, procura imitá-lo, coincidir, identificar-se com ele [...]”, e, por fim, passa a “deixar-se por ele assimilar”. Essa dualidade entre consciência de opressão branca e assimilação cultural, que é possível constatar nesse diálogo entre os personagens, configura o intento colonial.

As palavras de Bonnici (2000, p. 28) auxiliam no esclarecimento dessa questão quando ele aponta que emerge da proposta colonial a ideia de degredar a “escuridão da inexistência da cultura na sua vida e esclarecer os colonizados sobre a única cultura, a europeia, que eles, quisessem ou não, teriam de

⁹ ‘We should have a bigger pan-African response to what is happening in the American South really – Professor Ezeka said.

Master cut him short. ‘You know, pan-Africanism is fundamentally a European notion.’

‘You are digressing,’ Professor Ezeka said, and shook his head in his usual superior manner.

‘Maybe it is a European notion,’ Miss Adebayo said, ‘but in the bigger picture, we are all one race.’

‘What a bigger Picture?’ Master asked. ‘The bigger Picture of the White man! Can’t you see that we are not all alike except to White yes?’ [...]

Ugwu [...] imagine himself speaking swift English, talking to rapt imaginary guests, using words like *decolonize* and *pan-African*, molding his voice after Master’s [...].

‘Of course we are all alike, we all have White oppression in common,’ Miss Adebayo said dryly. ‘Pan-Africanism is simply the most sensible response.’

‘Of course, of course, but my point is that the only authentic identity for the African is the tribe,’ Master said. ‘I am Nigerian because a White man constructed *black* to be as different as possible from his *White*. But I was Igbo before the White man came’ (ADICHIE, 2006a, p. 24-25).

assimilar”. Mas é preciso também registrar que é o contato de um quantitativo significativo de nativos com essa realidade opressora colonial que, segundo Bonnici (2000, p. 28), “contribui para a democratização da conscientização e da expressão cultural e literária”.

Retomando as temáticas presentes em *Half of a Yellow Sun*, destaco também o feminismo, como mencionei anteriormente. Tal temática provoca discussão, de modo especial, à luz dos Estudos Pós-Coloniais quando, em foco, temos as protagonistas Olanna e Kainene, as irmãs gêmeas. Isto porque, dentre outros fatores, há pontos semelhantes entre suas características e as da própria Nigéria, dividida entre duas etnias, os ibos e os haussas.

Mulheres de características distintas, as irmãs se lançam em direções opostas uma da outra, a fim de consolidarem seus propósitos de vida, assim como ocorreu com a Nigéria. Enquanto Olanna distancia-se de sua terra natal, para seguir a carreira de professora universitária, Kainene opta por permanecer em sua terra, apresentando grande desenvoltura na condução dos tratados comerciais da família. Mas isso não as livra de uma ligação profunda entre si, assim como não livra a Nigéria de um elo com suas etnias, haja vista que vínculos familiares e culturais acompanham para sempre sujeitos e suas culturas.

Portanto, reside nesse delineamento narrativo a associação entre as gêmeas e a Nigéria, dentro do contexto da luta pela sua independência. Assim como as irmãs, o país se distanciou, se dividiu para alçar seu maior intento, a independência da nação. Porém, para isto, em ambos os casos, as marcas deixadas pela busca do propósito foram profundas. E Adichie aborda esse contexto, em passagens nas quais essas personagens procuram assumir o protagonismo de suas vidas, em contraposição a outras personagens, as quais lidam de forma passiva com a subalternização da figura feminina no contexto da narrativa.

A obra é composta também por cenas que desnudam a sensibilidade e as emoções tão características do universo feminino. Isso tudo ocorre sem que se arrefeça o olhar crítico feminino sobre o movimento de transformação social que estão vivendo. Desse modo, as mulheres, em *Half of a Yellow Sun*, configuram parte relevante no processo pela luta em prol da fundação do estado independente de Biafra. Adichie, portanto, descortina o protagonismo feminino nesse processo de transformação que envolve interesses internos e externos, por meio, por exemplo, da voz feminina que ecoa em nome da nação:

Kainene aproximou-se e estapeou a grávida rapidamente duas vezes, dois fortes bofetões, um atrás do outro, no rosto.

‘Somos todos biafrenses! *Anyinhcha bu Biafra!*’, disse Kainene. ‘Você entendeu-me? Somos todos biafrenses!’

A mulher grávida se recostou em sua cama.

Richard ficou espantado com a violência de Kainene. Havia algo de frágil nela, e ele temia que ela fosse se partir ao meio com o menor toque; tinha se jogado tão ferozmente nisso, o apagamento da memória, que a destruiria¹⁰. (ADICHIE, 2006a, p. 402)

Esse episódio, que se manifesta dentro de um hospital e que envolve agressão física, é desencadeado após a grávida ter cuspidido “com uma intensidade tão cruel” (ADICHIE, 2006a, p. 372), que respingou no queixo da doutora que estava lhe atendendo (uma não ibo, pertencente a uma tribo minoritária). Tal feito foi executado para demonstrar sua insatisfação com o posicionamento político de Kainene, que defende a criação de Biafra. Nele é possível perceber a mescla entre a emoção e a convicção de um objetivo nacional.

¹⁰ Kainene walked over briskly and slapped the pregnant woman, two hard smacks in quick succession on her cheek.

‘We are all Biafrans! *Anyinhcha bu Biafra!*’ Kainene said. ‘Do you understand me? We are all Biafrans!’

The pregnant woman fell back on her bed.

Richard was startled by Kainene’s violence. There was something brittle about her, and he feared she would snap apart at the slightest touch; she had thrown herself so fiercely into this, the erasing of memory, that it would destroy her (ADICHIE, 2006a, p. 402).

O conteúdo desse excerto traz em suas entrelinhas as divergências entre ibos e haussas que guerrearam e escravizaram seu próprio povo. E se um dos piores sentimentos, o ódio, brotou disso, ele foi “causado, basicamente, pelas políticas informais de dividir e dominar impostas durante o período colonialista britânico”, ações políticas “que manipularam as diferenças entre as tribos e garantiram que a união jamais se concretizaria [...]” (ADICHIE, 2006a, p. 198).

Como Adichie (apud JORDISON, 2019) destaca, o ato da leitura se dá para vermos o que os personagens amam, com o que eles se ressentem, o que fere o orgulho dessas pessoas na ficção. E observa, ainda, o papel importante desse ato, ao ressaltar que “parte dessa mágica da literatura realista também é para nos lembrar de como somos semelhantes na névoa de nossas diferenças. Para nos lembrar que o que todos compartilhamos é a busca de valor...” (ADICHIE, apud JORDISON, 2019).

Assim, o feminismo, sob a perspectiva dos Estudos Pós-Coloniais, pode ganhar espaço nesta discussão, ao atentarmos para as posições assumidas pelas gêmeas, bem como a suas ações, sejam elas racionais ou não, como a de Kainene, em que deixa explícito seu posicionamento político e devoção à nação. Ao apresentar as irmãs dotadas por iniciativas próprias, autonomia e consciência política, não conformadas com um destino previsível, Adichie mostra-nos a história de mulheres que, de algum modo, desafiaram uma normatização social pré-estabelecida e que assumiram seu protagonismo feminino, em consonância com o ideal feminista de que a mulher esteja à frente de seu destino.

No entanto, comungando expressivamente de aspectos da realidade, o romance dessa autora também apresenta um outro lado, bastante frequente na vida de mulheres, quer sejam africanas ou não. Trata-se de um tema recorrente nos Estudos Feministas. Refiro-me à visão, que ainda existe entre nós, em que situa o destino feminino em uma espécie de *projeto matrimonial* inquestionável.

A mulher, com base nessa visão, teria seu futuro pré-determinado devido à sua condição existencial de mulher.

Com isso, o matrimônio é considerado ação garantida em sua vida, sendo seu dever mantê-lo a qualquer preço. *Half of Yellow Sun*, ilustrando essa questão, mostra que o preço pago pelas personagens Olanna e Kainene é a traição, bem como a sua aceitação. Olanna é traída por Odenigbo, seu companheiro, mesmo antes de seu casamento. Kainene experiencia do mesmo ato de traição, mas, em seu caso, a infidelidade recebida é de dupla fonte: Olanna, por vingança, elege Richard, companheiro de Kainene, para consumir a traição.

Por certo que, como lembra Thomas Bonnici (2000, p. 16), ao discutir sobre o feminismo sob a lente dos Estudos Pós-Coloniais, “o feminismo trouxe à luz muitas questões que o pós-colonialismo havia deixado obscuras”, todavia, “o pós-colonialismo ajudou também o feminismo a se precaver de pressupostos ocidentais do discurso feminista [...]”. Em suma, a ilustração acerca da traição vivida pelas gêmeas, se analisada sob a ótica do pós-colonialismo, poderia ser compreendida como uma crítica à submissão feminina.

Frente a isso, Adichie, em seu romance, abre espaço para reflexões críticas acerca de ideias que marginalizam a mulher e que desejam prescrever seu destino. Há em *Half of a Yellow Sun* uma evidente preocupação, um cuidado especial com o retrato da mulher. Os espaços atribuídos às suas personagens femininas durante a narrativa certificam esse cuidado; são espaços marcados pela dor feminina, pela emoção peculiarmente atribuída às mulheres, mas que não exclui espaços para que elas questionem e se envolvam com questões políticas.

Para além disso, percebo uma preocupação da autora com relação à necessidade de que sua geração discuta sobre sua própria história, porque, segundo Adichie (apud JORDISON, 2019), parece que seu povo está

determinado a esquecer. É perceptível, então, que a Guerra de Biafra, dando relevo à obra de Adichie, revela seu aguçado senso de nacionalidade, que se perfaz em sua literatura e que pode ser rastreado, dentre outros excertos, em:

Ela ensinou-lhes sobre o significado da bandeira biafrense. Eles se sentaram em tábuas de madeira, sob o fraco sol da manhã que fluía pela sala sem telhado, enquanto ela desembrolhava a bandeira de tecido de Odenigbo e contou-lhes o significado dos símbolos. O vermelho era o sangue dos parentes massacrados no Norte, o negro era em sinal de luto pelos mortos, o verde era pela prosperidade que Biafra teria, e, por fim, o meio sol amarelo, que significava um futuro glorioso. Ela os ensinou a levantar suas mãos em uma saudação ao alto como a de Sua Excelência e pediu-lhes para copiar o desenho dos dois líderes, que ela mesma fizera: Sua Excelência era corpulento, desenhado com linhas duplas, ao passo que o corpo abatido de Gowon fora delineado em linhas simples¹¹. (ADICHIE, 2006a, p. 352)

A alusão à bandeira de sua nação evoca o sentimento nacionalista típico de literaturas de características pós-coloniais. Na bandeira, há a presença da esperança de um futuro melhor, construído sob muito sofrimento, muitas perdas, enfim, de muita luta no passado. Perante isto, podemos vislumbrar que o nacionalismo é tão relevante na escrita de Adichie que o principal símbolo de Biafra, o meio sol amarelo, está sugerido no título de sua obra, *Half of a Yellow Sun*, assim como o hino nacional biafrense:

*Terra do sol nascente, que amamos e valorizamos,
Pátria amada de nossos bravos heróis;
Devemos defender nossas vidas ou pereceremos.
Vamos proteger nossos corações de tudo que consideramos querido,
Então, permita-nos morrer sem nenhum temor*¹². (ADICHIE, 2006a, p. 348)

¹¹ She taught them about the Biafran flag. They sat on wooden planks and the weak morning sun streamed into the roofless class as she unfurled Odenigbo's cloth flag and told them what the symbols meant. Red was the blood of the siblings massacred in the North, black was for mourning them, green was for prosperity Biafra would have, and, finally, the half of a yellow sun stood for the glorious future. She taught them to raise their hand in the flying salute like His Excellency and she asked them to copy her drawings of the two leaders: His Excellency was burly, eketched with double lines, while Gowon's effete body was outlined in single lines (ADICHIE, 2006a, p. 352).

¹² *Land of the rising sun, we love and cherish,
Beloved homeland of our brave heroes;
We must defend our lives or we shall perish.
Wes hall protect our hearts from all we hold dear,
Then let us die without a shered of fear....* (ADICHIE, 2006a, p. 348).

Com relação ao nacionalismo, Bonnici (2000, p. 36) lembra-nos que Fanon foi o primeiro teórico de relevância do anti-imperialismo, pois percebia no nacionalismo “a extensão, a repetição e a regeneração de novas formas hegemônicas incompatíveis com a verdadeira libertação nacional”. Conforme Bonnici, Fanon indica três estratégias para superação dessa fase anti-imperialista. Elas envolvem, portanto, a “criação de laços entre povos que foram separados pelos colonialismos em tribos e culturas autônomas; a dessacralização e a desmistificação da metrópole”. Isto ocorreria a partir do estabelecimento de que “um novo sistema de poder substituiria a hierarquia colonial” e, por fim, a valorização da cultura vilipendiada pelo colonizador (BONNICI, 2000, p. 36).

As estratégias sugeridas por Frantz Fanon dialogam, de certo modo, com a obra de Adichie, uma vez que o pós-Guerra de Biafra, cenário de *Half of a Yellow Sun*, resultou em uma separação das tribos ibo e haussa e, na sequência, na reincorporação de Biafra à Nigéria, após a morte de mais de dois milhões de pessoas. Desses, a maioria eram ibos. Contudo, esse episódio enalteceu a própria cultura da autora dentro de seu íntimo, a ponto de ser contemplado em sua obra. Isso nos leva a compreender a importância da literatura de Adichie, pois ela contribui para a valorização de sua cultura, desprezada pelo colonizador europeu, como destacado por Fanon.

Para isso, parece ser importante para a autora revelar as mazelas, as feridas que permanecem vivas na memória dos nigerianos, para que atrocidades como as decorrentes da Guerra de Biafra não ocorram mais. É nesse sentido que vale apontar aqui a passagem na qual Olanna, aterrorizada, observa uma cena, que ao ser narrada por Adichie, é capaz de atingir o mais frio e insensível dos seres humanos:

Olanna sentou-se no chão do trem, com os joelhos encolhidos até o peito e sentiu a pressão morna e com suor de outros corpos a sua volta. [...]

Olanna foi jogada novamente contra a mulher que estava ao seu lado, contra alguma coisa sobre o colo da mulher, uma tigela grande, uma cabaça. Os panos que a mulher usava estavam respingados com manchas que pareciam ser sangue [...]. Olanna olhou dentro. Ela viu a cabeça de uma menina, a pele sombria e cinzenta, o cabelo todo trançado, olhos revirados para trás e a boca aberta [...]. A mulher fechou a cabaça. 'Você sabe', disse ela, 'Levou um bom tempo para trançar o cabelo dela?' 'Ela tinha um cabelo tão grosso'¹³. (ADICHIE, 2006a, p. 188)

A violência representada nesse momento dialoga com a ideia que a literatura pós-colonial procura perceber e difundir acerca dos problemas étnicos que ocorrem, em locais como a África, e que atingem a identidade de um povo. Entendo que fica visível, aqui, então, o papel político-social da autora, surgindo em meio à sua arte, ao denunciar e tornar discutível o horror enfrentado durante os anos de conflito entre etnias de uma única nação.

Outro fato, frequentemente, aludido com relação à literatura pós-colonial é quanto ao idioma em que ela chega até seu público, o idioma do colonizador. Por conseguinte, não poderia deixar de observar, nesta breve análise, que Adichie segue a mesma escolha idiomática de muitos autores pós-coloniais, como é o caso de Chinua Achebe, ou seja, de autores que fazem uso da língua do colonizador, o inglês. A esse respeito, o autor de *Things Fall Apart*¹⁴ (1958), dentre outras obras, confessa reconhecer que não é justo optar pela língua do colonizador em detrimento de sua língua nativa (ACHEBE, 1975, p. 429).

Porém, é essa escolha, segundo Chinua Achebe, que permite que suas denúncias de opressão do sistema colonial possam ser propagadas com maior intensidade. Ele acredita na possibilidade de uma literatura nacional, nigeriana, escrita em um inglês transformado, a partir de um hibridismo linguístico

¹³ Olanna sat on the floor of the train with her knees drawn up to her chest and the warm sweaty pressure of bodies around her. [...] Olanna was thrown against the woman next to her, against something on the woman's lap, a big bowl, a calabash. The woman's wrapper was dotted with splotchy stains that looked like blood [...]. Olanna looked into the bowl. She saw the little girl's head with the ashy-gray skin and the braided hair and rolled-back eyes and open mouth. [...] The woman closed the calabash. 'Do you know', she said, 'it took me so long to plait this hair? She had such thick hair' (ADICHIE, 2006a, p. 188).

¹⁴ *O Mundo se despedaça*.

proveniente de sua língua materna e da língua inglesa, que possa, assim, unificar a Nigéria, permitindo a comunicação com outros países africanos que foram colonizados pela cultura inglesa.

Ao percorrermos as páginas de *Half of a Yellow Sun*, constatamos esse hibridismo mencionado por Achebe. Adichie se vale da hibridez, em sua narrativa, estimulando seu povo a questionar, discutir, olhar para seu passado, considerando os registros de suas memórias – o que pode ser interpretado como um recurso literário da autora para refletir o resultado do encontro entre a sua cultura e a cultura do colonizador europeu.

A despeito disso, todavia, há uma declaração de Adichie (2006b) que causa certa inquietação: “A Nigéria foi realmente feita para falhar. A extensão da falha é o que temos que aceitar como responsabilidade, mas não fomos estabelecidos para o sucesso”¹⁵.

Essa abordagem, relacionada à aceitação de uma realidade calcada pelo fracasso, se identifica com o perfil do colonizado. De certa maneira, a afirmação de Adichie referencia a aceitação de uma realidade em que conflitos agregam dor e separação de seu povo, e o poder é colocado acima da vida. Essa declaração sugere, pois, que há resquícios de sentimento de inferioridade de sua cultura perante a cultura do seu colonizador. Mas este fato não é incompreensível, uma vez que foram décadas de colonização, o que torna difícil o desprendimento de um povo da condição de colonizado.

Fanon (1990, p. 179, apud BONNICI, 2000, p. 38) descreve três níveis que compõem o processo de conscientização do intelectual nativo: assimilação da cultura do colonizador por parte do intelectual nativo, cuja obra tem características europeias; o intelectual nativo passa a lembrar quem ele é, buscando no passado a vida cultural de seu povo; e no último nível há uma

¹⁵ “Nigeria was really set up to fail. The extent of that failure is what we have to accept responsibility for, but we weren’t set up for success” (ADICHIE, 2006b).

preocupação em conscientizar seu povo. De acordo com o autor, é nesse nível que realmente a literatura nacional passa a existir.

Adichie, considerando sua assertiva de aceitação de uma realidade cruel, que apresenta vestígios de sua condição de colonizada, pode ser inserida nesse terceiro nível, pois, conforme Fanon (1990, p. 181, apud: BONNICI, 2000, p. 38), “o intelectual nativo não percebe que está usando as técnicas e a linguagem emprestadas do colonizador”. Assim sendo, é desejável que a circulação de sua produção literária se mantenha ativa, pois confere subsídios para que a cultura nativa possa encontrar caminhos para construir, no presente, seu futuro, sem ignorar seu passado, tal qual Adichie o faz em *Half of a Yellow Sun*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Linda Tuhiwai Smith (1999, p. 5) observa, em sua obra *Decolonizing Methodologies*¹⁶, que “a pesquisa não é um exercício acadêmico inocente ou distante; é uma atividade que tem interesses em jogo e que ocorre dentro de uma série de condições políticas e sociais”. Deste modo, minha opção por discutir sobre a literatura nigeriana pós-colonial, realmente, não é uma opção inocente, pois acredito que dentro de nossas condições políticas – sim porque nossa função acadêmica é também uma função político-social – temos o dever de discutir o *mundo pós-colonial*. É preciso levantar essa discussão para que, assim como Adichie, Chinua Achebe e tantos outros escritores, reflitamos sobre nossa própria realidade e identidade. Logo, considero que a escrita pós-colonial nos conduz a um auto-(re)conhecimento, bem como propicia as mais diversas culturas a encontrarem seus caminhos em busca de seu desenvolvimento em diferentes esferas.

¹⁶ *Decolonizando metodologias*.

A academia, dessa forma, precisa dar continuidade ao fomento de estudos envolvendo temáticas do âmbito pós-colonial, haja vista que, teóricos pós-colonialistas, como Ashcroft (1991), atentam para os reflexos do processo de colonização sobre as culturas e a sociedade. Entendo, assim, que a academia tem o dever de propiciar, por meio da pesquisa, a melhoria para a sociedade para que esta possa se desenvolver técnico, humana e culturalmente. Sob este prisma, então, cabe-lhe também, paralelamente a isso, impulsionar os Estudos Pós-Coloniais, por tratarem de questões socioculturais.

Portanto, analisar obras de Chimamanda Ngozi Adichie e de outros escritores pós-coloniais faz parte de nossa consciência acadêmica, visto que são obras que carregam temáticas que precisam ser discutidas. Isto se deve ao fato de que as ex-colônias, a exemplo da Nigéria, em sua maioria, continuam lutando, não mais fisicamente, mas intelectualmente. Ora essa luta se caracteriza pela necessidade de apresentar ao mundo a sua existência, ora pela necessidade de se fazer reconhecer intelectualmente, pois durante muito tempo culturas, como a nigeriana, tiveram suas vozes abafadas.

Por fim, acredito que nosso papel social, dentro da universidade, é contribuir para que vozes, como as representadas por Adichie, sejam ouvidas e respeitadas, a fim de que fatos do passado, armazenados na memória da humanidade, tomem seu lugar na construção da história, evitando que eventos negativos tornem a se repetir. E, para além disto, empregando as palavras do professor Nwoye James Adichie ou *Odelu Ora Abba*, pai de Chimamanda Ngozi Adichie, *'agha ajoka'*¹⁷ (ADICHIE, 2006a, p. 542).

REFERÊNCIAS

ACHEBE, Chinua. *Things Fall Apart*. Reino Unido: Heinemann, 1958.

¹⁷ *'A guerra é muito feia'* (ADICHIE, 2006, p. 542).

ACHEBE, Chinua. *The African Writer and the English Language*. In: ACHEBE, C. *Morning Yet on Creation Day*. Ed. Heinemann. London, p. 428-434, 1975.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Half of a Yellow Sun*. New York: Anchor Books, 2006a.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Meio Sol Amarelo*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Half of a Yellow Sun*. New York, *The New York Times*, 23 set. 2006b. Entrevista concedida a Charles McGrath. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2006/09/23/books/23adic.html>>. Acesso em: 10 de mar. de 2020.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen (org.). *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Pos-Colonial Literatures*. London: Routledge, 1991.

BONNICI, Thomas. *O Pós-colonialismo e a Literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.

CASSILHAS, Fabrício Henrique Meneghelli. *Interculturalidade em Half of a Yellow Sun, de Chimamanda Ngozi Adichie: uma análise comparativa das traduções portuguesa e brasileira*. 2016. 126p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/167620/341091.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

COUTO, Mia. *Mia Couto; A África está presente no Brasil de maneira que os próprios brasileiros não identificam*. São Paulo, 2 maio 2019. Entrevista à Joana Oliveira. Disponível em: <<https://ivairs.wordpress.com/category/literatura-africana/>>. Acesso em 14 de fev. 2020.

FANON, F. *The Wretched of the Earth*. Harmondsworth: Penguin, 1990.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FREITAS, João Felipe Assis de. *Half of Yellow Sun: a experiência dos cronotopos no contexto da guerra de Biafra*. 2014. 156p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Cuiabá, 2014. Disponível em: <<https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/93fbd1004a60fa2d1a3c91df02.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2020.

HAWLEY, John C. *Biafra as Heritage and Symbol: Adichie, Mbachu and Iweala*. Research in African Literatures, v. 39, n 2, p. 15-26, 2008. Disponível em: <<https://warwick.ac.uk/fac/arts/english/currentstudents/undergraduate/modules/fulllist/special/globalnovel/secread/39.2.hawley.pdf>>. Acesso em: jun. de 2010.

JORDISON, SAM. Reading group: *Half of a Yellow Sun* by Chimamanda Ngozi Adichie is our Book for January. *The Guardian*. Londres, 31 dez. 2019. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/books/booksblog/2019/dec/31/reading-group-half-of-a-yellow-sun-by-chimamanda-ngozi-adichie-is-our-book-for-january>>. Acesso em 20 de mar. 2020.

MEMMI, Albert. *O retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Trad. Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MONTEIRO, Aline de Souza. *As Mulheres em Meio Sol Amarelo de Chimamanda Adichie: Descolonizando Discursos*. 2018. 76 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários), Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2018. Disponível em: <<http://www.mel.unir.br/uploads/56565656/As%20mulheres%20em%20meio%20sol%20amarelo%20de%20Chimamanda%20Adichie%20Descolonizando%20Discursos.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2020.

RESENDE, Roberta Mara. *Gênero e nação na ficção de Chimamanda Ngozi Adichie*. 2013. 108p. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2013. Disponível em: <<https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/Dissertacao%20Roberta.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2020.

SANTOS, Flávia Kellyane Medeiros da Silva. *Meio Sol amarelo e a crítica ao pensamento eurocêntrico sobre a África: Biafra e a resistência IGBO*. 2017. 162p. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade), Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017. Disponível em: <<http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/2818>>. Acesso em: 19 abr. 2020.

SMITH, Linda T. *Descolonizing Methodologies: Researcher and Indigenous People*. London: Zed Books, 1999.

THIBES, Luana Caetano. *As mulheres de chimamanda: representações de raça, etnia e gênero*. 2018. 86 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagens e Representações), Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2018. Disponível em: <<http://www.biblioteca.uesc.br/biblioteca/bdtd/201610165D.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

VENTER, Al J. *Biafra's War 1967-1970: A Tribal Conflict in Nigeria That Left a Million Dead*. England: Helion & Company, 2015.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 31 de março de 2020.

Aprovado em sistema duplo cego em: 19 de junho de 2020.